Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data ..../..../....
cod MND0004

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

A DANÇA MATIPÚ

Corpos, Movimentos e Comportamentos no Ritual Xinguano

KWARÙP Foto: Rômulo Fialdini

- Projeto de Pesquisa -

Aluna: Karin Maria Véras

Professor orientador: Dr. Rafael J. de Menezes Bastos

Professor co-orientador: Dr. Luis Eduardo Luna

Março

1988

Acervo ISA

SUMÁRIO

1. Resumo 1

2. Apresentação: Os Matipú e o Sistema Xinguano 2

3. Quadro Teórico:

3.1 Etnologia Xinguana e das Terras Baixas da América do Sul 3

3.2 A Antropologia da Dança 5

3.3 A Antropologia Corporal 6

3.4 A dança como coisa ritual 6

4. Justificativa 8

5. Objetivos

5.1 Objetivo Geral 9

5.2 Objetivos específicos 9

6. Antropologia Visual e outros Métodos e Técnicas 10

7. Cronograma 12

8. Bibliografia

8.1 Bibliografia Citada 13

8.2 Bibliografia Complementar 17

Acervo ISA

1. Resumo

Este projeto se propõe a fazer um estudo exploratório da dança no grupo Matipú do Alto Xingu - de fala Karib, composto atualmente de 64 pessoas[1] e relativamente isolado [2] - do ponto de vista da forma, do contexto e do significado. Buscando também revelar a relação da dança com as outras artes e outros aspectos da sociedade estudada, notadamente a cosmologia e a filosofia.

Partirei da dança no contexto ritual - intra e intertribal - ficando para ser verificado se ela acontece e como acontece na vida cotidiana. Aqui, será privilegiada uma abordagem performática do ritual - a fim de contemplar desde a preparação do evento até sua expressão artística - onde a dança se encontra relacionada à música, ao mito e às artes visuais (pintura, plumária e adereços)[3].

Este projeto buscará, desta maneira, contribuir para a etnologia xinguana e das terras baixas da América do Sul num campo ainda não explorado - o da dança - sob a perspectiva da antropologia da dança e apoiado nos estudos de antropologia corporal, de performance e nos recentes trabalhos sobre as sociedades ameríndias a partir dos anos 70 - donde o estudo da arte[4] e da corporalidade[5] são enfatizados.

---

[1] Conforme último senso da Escola Paulista de Medicina (1997)

[2] Segundo dados em Ricardo (1996)

[3] Bastos (1996) sugere o estudo do ritual xinguano através de uma cadeia inter-semiótica que inclui o complexo mito-cosmologia, a música e a dança (junto com as artes visuais: pintura, plumária e adereços)

[4] Como sugere Vidal (1992), a antropologia da arte ou atropologia estética é um ramo da antropologia que estuda as produções artísticas dos povos indígenas. Ela apreveita a designação proposta por Silver (1979) de etnoarte para as expressões artísticas não-ocidentais. A etnoestética buscaria, assim, estudar essa arte dentro de seus princípios próprios e de uma contextualização sócio-cultural de seus produtores.

[5] Ver os textos de Seeger, da Matta e Viveiros de Castro (1987) e Viveiros de Castro (idem) que serão comentados na sequência

Acervo ISA

2. Apresentação: Os Matipú e o Sistema Xinguano

O grupo Matipú habita o Parque Nacional do Xingu[6] ao norte do estado do Mato Grosso e compõe, com outros oito povos, um sistema sócio-cultural marcado pelo inter-relacionamento tribal e por trocas materiais e simbólicas , seja no campo do comércio, da política, do casamento ou do sistema cerimonial.

O sistema xinguano compreende uma área cultural localizada ao sul do referido Parque, numa região conhecida como Alto Xingu - na bacia dos formadores do rio Xingu . [7] As nações xinguanas provêm de três troncos linguísticos diferentes, a saber: **Karib** (Matipú, Nahuquá, Kalapalo e Kuikuro); **Aruak** (Waurá, Mehinaku e Yawalaptí) e **Tupi** (Kamayurá e Aweti), além da língua isolada dos Trumai. Sem contar a parte norte do Parque, onde habitam outros grupos que participam de maneira diferenciada deste sistema, a saber: os Juruna e Kayabi (Tupi), os Txucarramãe, Suyá e Krenakarore (Gê) e os Txicão - também Karib. Interessante assinalar a hipótese de um modelo prototípico Aruak-Karib para o referido sistema, que apontaria para os Matipú como um dos grupos étnicos referenciais.

Franchetto (1978) observou - através das narrativas Kuikúro - que a origem Karib está relacionada a uma grande aldeia "quase mítica" - chamada de *Óti* (campo) onde antepassados Kuikúro e Matipú "viviam todos juntos" (indicando uma origem comum aos dois grupos). A leste de Óti situava-se o território *Jârama* de onde provêm os Nahuquá. Já na época da expedição Roncador Xingu (47) os Matipú[8] encontravam-se na aldeia Marijapéi onde passariam a morar com os Nahuquá até meados de 70, quando se transferiram juntos para uma nova aldeia na beira da lagoa Agahága Já em 81 uma parte do grupo retorna a Marijapéi, formando, então, duas aldeias Matipú-Nahuquá [9] Como os dados mais recentes indicam a existência de uma aldeia Nahuquá - perto do posto Leonardo da Funai, e outra Matipú - mais distante deste; inferimos ter havido, ao longo deste século, relações de união e fissão entre esses grupos, por razões populacionais e políticas, que implicam diretamente com o estudo aqui proposto.[10]

É neste espaço de multilinguismo e inter-relacionamentos que a música e a dança ritual se expressam no contexto xinguano. Através de rituais intra e intertribais como o *Kwarùp*, o *Yawari*, o *Yaku 'i*, o *Yamurikumã*, dentre outros. Mas é importante notar que, embora partilhem de uma área cultural e tenham em comum algumas características (tabus alimentares, alguns cantos, danças e lutas), as diferenças étnicas e linguísticas conferem a cada grupo especificidades quanto à organização social, expressão artística, cosmologia e tecnologia.

---

[6] Criado em 1961

[7] A região é cortada ao sul pelos rios Kuluente, Kuliseu, Ronuro e Batovi e ao norte pelos rios Xingu e os afluentes Suiá-Missú e Maritsauá-Missú - constituindo-se de extensa planície de aspecto quase inteiramente amazônico.

[8] Interessante notar que os Matipú ainda conservavam a denominação nativa de *óti ótomo* (aldeia origninal), sendo também chamados de *Marijépei ótomo* pelos alto xinguanos (in Franchetto,1986)

[9] A partir desta data o grupo que retornou a Marijapéi passou a ser conhecido como "Matipú da FAB" enquanto o que ficou passou a ser conhecido como " Matipú da Funai" (idem)

[10] Em telefonema recente com o Kamayurá Kotok que se encontrava em Brasília(março de 97) fomos informados de que Matipú e Nahuquá constituem aldeias distintas sendo que os primeiros se situam afastados do Posto Leonardo da Funai ("um dia de barco"), enquanto os últimos bem próximos. Ainda assim, uma vez não haverem dados precisos de distância e dos inter-relacionamentos recentes entre esses dois grupos, ficamos para verificar em campo tal situação.

Acervo ISA

3. Quadro Teórico

3.1 Etnologia Xinguana e das Terras Baixas da América do Sul

Os pioneiros no estudo do Alto Xingu foram os naturalistas Steinen (1894), Schimidt (1905) e Meyer (1960). Mas foi Lèvi-Strauss (1955) quem primeiro trouxe à cena estudos antropológicos dessas sociedades. Para contrapôr um vácuo temporal e conceitual na etnologia das terras baixas sul-americanas - diagnosticado por Carneiro e Viveiros de Castro (1993) - uma nova vertente de estudos antropológicos desponta a partir da década de 70, tendo como marco o Congresso de Americanistas em 1976. A partir daí, novas categorias de análise dessas sociedades entram em jogo, onde a *corporalidade* e o *plano cerimonial* e *metafísico* são privilegiados, impulsionando os estudos de arte, estética e cosmologia.

Dentro deste contexto insiro o presente estudo da sociedade Matipú, relacionando-o a um conjunto de etnologias sul-americanas e xinguanas em particular. Cito o trabalho de Agostinho (1974), Galvão (1979), Gregor (1982), Viveiros de Castro (1977, 1986), Seeger (1987), Menezes Bastos (1978,1990), e Menget (1993). Destaco também os textos que tratam da corporalidade em Viveiros de Castro (1987) e Seeger, da Matta e Viveiros de Castro (idem) que serão comentados na sequência. Além das etnografias dos Karibes nos trabalhos de Franchetto (1986) sobre os Kuikúro; Picchi (1978) sobre os Nafuquá; e Basso (1973, 1985) sobre os Kalapalo - dentro de uma abordagem performática do ritual xinguano que me interessa particularmente.

Também insiro o texto de antropologia estética de Vidal e Lopes da Silva (1992) numa vertente que considera a arte como componente essencial para a compreensão das sociedades sul-americanas - seu discurso social e sua cosmologia. Destaco, ainda, os estudos sobre arte indígena de van Velthem (1994,1995), Lagrou (1991, 1995) e os de arte xinguana de Fenelon Costa (1988), Ribeiro (1993) e Coelho (1993). Noto uma predominância no estudo das representações gráficas indígenas - campo privilegiado da etnoestética nas terras-baixas. Quanto à dança, desconheço etnologias específicas[11], mas indico como importantes as considerações do objeto nos trabalhos de Agostinho(1974), Menezes Bastos (1978,1990) e no trabalho de Graham sobre os Xavante (1995).

<u>*Hipótese de trabalho*</u> - Observando que a maioria das etnografias xinguanas apontam para uma área culturalmente homogênea, gostaria de comentar os estudos de Menezes Bastos e Menget que indicam numa direção diferente. Esses autores falam do Alto Xingu como um sistema de *fronteiras abertas e moventes*, com espaço para lutas, fragmentações e contradições, que articulam diferenças culturais constantemente negociadas pelo sistema como um todo, principalmente através da dimensão cerimonial.[12] Neste contexto Menezes Bastos (1995) apresenta o ritual intertribal como a *linguagem franca* da xinguanidade. Enquanto Menget coloca lado a lado a política e o cerimonial, pois: *é no cerimonial intertribal que acontecem os jogos de poder* (1993).[13] O projeto em foco caminhará nesta segunda direção, onde buscará na dança Matipú sua originalidade, bem como sua articulação com o sistema maior.

---

[11] Exceção para o trabalho inacabado de Analívia Cordeiro: *"Análise de Elementos da Linguagem Corporal no Alto Xingu"* - sobre os movimentos humanos do Kwaríp

[12] Bastos(1995), inclusive, sugere uma metáfora para a sociedade xinguana fundamentada nos jogos de armar, formada por peças como equipes, facções, unidades locais, alianças intertribais e interétnicas

[13] Para Menget(1993) é no jogo intertribal onde a chefia valida seu status interno dentro da comunidade xinguana, e tenta manter o jogo político das facções

Acervo ISA

Dançae corporalidadeno Alto Xingu-

A *corporalidade* xinguana sempre chamou a atenção de viajantes e etnólogos por sua extrema expressividade gestual e artística (principalmente na pintura corporal). Mas estudos específicos sobre o papel do corpo nessas sociedades são contemporâneos da vertente teórica de 70, donde o texto de Viveiros de Castro (1978) é germinal. Aqui ele aborda o processo de fabricação do corpo e de construção da pessoa xinguana através do complexo de reclusão - com a manipulação da entrada e saída de algumas substâncias como: *sangue, sêmen, alimentos, eméticos vegetais e tabaco.* Observa Seeger que a fala do pátio, a dança , a luta corporal e a exibição pública no centro da aldeia, só acontecem se articuladas ao gabinete secreto, silencioso e doméstico da reclusão. O texto posterior de Seeger, da Matta e Viveiros de Castro (idem) acrescenta que a fabricação, decoração, transformação e destruição dos corpos são temas em torno dos quais giram as mitologias, a vida cerimonial e a organização social das sociedades indígenas brasileiras. Por isto propõe tomar o corpo como *idioma simbólico focal* no estudo dessas sociedades. Proposição adotada por este projeto.

Já Menezes Bastos (1978, 1990) é um dos primeiros a indicar a necessidade do estudo da dança para a compreensão do sistema cerimonial xinguano. Onde *"o papel da dança, da plumária e da adereçaçãono ritual é o de teatralizara cena do tempo mítico, corporificando-a"*. (1990:523). Ele sugere a dança como o último sistema tradutor da cadeia intersemiótica do ritual xinguano, onde, segundo a exegese Kamayurá " a letra vai dentro da música, que, vez sua, vai dentro do corpo dançante, pintado e adereçado." (idem). Observou, inclusive, em sua descrição do *Yawari*, quatro modelos básicos de formação coreográfica: em *procissão*, em *linha*, em *cunha* e em *bloco*. Antes dele Agostinho (1974) dedicou um capítulo do seu livro a descrever as danças e lutas do *Kwarùp*, observando que as crianças as aprendem por imitação, acerto e erro.

Mímese - outra hipótese de trabalho - Através da observação de imagens de alguns rituais xinguanos[14] observo que as danças se encontram relacionadas a animais da região (a dança do mandi, do tracajá, da bicuda, da pomba do mato, do tatu) ou a seres sobrenaturais como o *Sapukuyawá* (o espírito da mandioca). Relacionando isto às considerações da Viveiros de Castro (1987:48) sobre a intersecção do mundo real e do mundo das coisas *Kumã* (espíritos e seres míticos) e sua representação na arte xinguana, sugiro que na dança esta "representação" acontece de uma maneira original, diferente do que ocorre na pintura, por exemplo. Obsevo que a dança se encontra diretamente relacionada ao tempo vivido, já que não pode ser congelada nem repetida, apenas dançada uma outra vez. Por isto acredito que na dança os animais e seres sobrenaturais são *mimetizados* de um jeito que não é só "representação artística" nem "incorporação"[15], mas uma atualização constante do comportamento desses seres. Ou seja, enquanto a pintura desenha esses temas nos objetos da cultura material e no corpo, a dança os corporifica no tempo presente - tornando-os reais enquanto "apresentação artística" e presentificação simbólica. Por isto, a íntima relação da dança com o mundo natural da região, principalmente dos animais, deverá ser objeto de especial atenção.[16]

---

[13] Notadamente no documentário *Xingu* da Rede Manchete apresentado em 1985.

[14] Como é o caso das danças dos Orixás descritas por Rouget (1985)

[15] Para isto está prevista a participação do biólogo (zoólogo e ornitólogo) Roberto Boçon na primeira fase de campo, a fim de fornecer dados para a confirmação dessa hipótese. Podendo esses dados serem usados posteriormente como um estudo de etnozoologia com ramificações no estudo da arte plumária

usados posteriormente como um estudo de etnozoologia com ramificações no estudo da arte plumária

indígena, seu sistema de classificação de animais e uma interpretação simbólica desta classificação - bem como inferências sobre a relação dos nativos com a natureza circundante.

Acervo ISA

3.2 A Antropologia da Dança

O estudo da dança foi por muito tempo negligenciado pela antropologia - assim como o estudo do corpo - e mesmo recentemente a antropologia da dança é reconhecida por muitos autores como sendo apenas uma irmã menor da etnomusicologia, sendo também denominada de etnocoreologia. Este projeto considera a dança uma parte essencial de qualquer descrição etnográfica e a antropologia da dança como um campo específico e importante da disciplina antropológica.

Apesar do acima considerado, nota-se que nos últimos 30 anos a Antrpologia da Dança vem se firmando como campo de estudo , na compreensão de que *"dançaé cultura e cultura é dança"*. (Merriam apud Royce, 1977:13). Aqui, métodos, teorias, cadernos bibliográficos e antologias de danças das mais diversas culturas começam a aparecer. Cito nesta tradição os estudos pioneiros de Kurath (1960), seguida por autores como Kaeppler (1978,1986), Hanna (1979,1992), Spencer - com seu estudo de dança e semiótica (1985); além de Fleshman (1986), Forbes (1986) e Cohen (1991) ; dentre outros. Destaco, para referência e comentários, o livro de Royce (1977) - marco desta nova vertente.

Royce propõe estudar a dança como um evento cultural, ou seja, levando em conta desde sua preparação, o comportamento e sentimento dos participantes, bem como sua função estética e social. E propõe como ferramentas de trabalho: *a observação, a descrição, a análise* e a *comparação*:. Observa, ainda, que diferentes sociedades conferem diferentes ênfases e funções à dança. A esse respeito Kaeppler (1987) sugere que: *"Uma adequada descrição da cultura deveria dar a mesma ênfase à dança que é dada pelos membros daquela sociedade"*. A Antropologia da Dança teria então, para Royce, duas tarefas principais: 1) Primeiro descrever unidades singulares - a descrição etnográfica propriamente dita. 2) Depois estabelecer comparações entre culturas ou estilos de dança. Noto que, embora concorde com os pressupostos teóricos da autora, devo situar este projeto dentro da primeira tarefa - pela abrangência que se pode esperar de um trabalho com curta permanência em campo e inédito em relação ao tema. Por isto, a comparação careceria de dados para ser efetivada num primeiro momento. O que não impede sejam aportados dados para que ela se realize posteriormente.

Como exemplo de etnografias sobre dança destaco a de Gertrude Kurath: *"Música and Dance of the Twena Pueblos"* (1970) onde ela procede à descrição e análise da cerimônia Twena desde os acentos musicais, até os movimentos da dança propriamente ditos; estes compreendendo: descrição dos participantes, dos padrões de locomoção, das partes do corpo, das direções de movimento, dos gestos, das unidades básicas de passos coreográficos, e, por fim, da qualidade do movimento - segundo o sistema de notação de Laban. Como contemporâneos de Kurath cito Ammann (1987) que procede a uma apresentação das danças e músicas malenésias através de cerimônias e da vida cotidiana - contextualizando-as desde o séc XVIII até sua situação atual. Bem como a importante contribuição de Giurchescu e Bloland (1990) que abordam a tradicional dança romênia sob o ponto de vista contextual e estrutural. Interessante notar nesses trabalhos, a íntima relação entre música e dança nos povos estudados, bem como a classificação "ética" de contextos sociais diferenciados para a dança ritual ou cerimonial e a dança não cerimonial ou cotidiana - caracterizada como *espontânea*.

Acervo ISA

3.3 A Antropologia Corporal

A primeira semente do estudo do corpo na antropologia foi lançada por Mauss já na década de 20, com seu trabalho sobre as técnicas corporais, consideradas *"as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos"* (1974:211). Mauss sugere que os corpos são montados física, psíquica e socialmente e que a educação e a *imitação prestigiosa* [17] são determinantes neste particular. Assim, ele considera a técnica corporal como um *ato tradicional eficaz* - com possibilidade de ser transmitido de geração à geração. Seguindo a trilha aberta por Mauss, buscarei observar como os Matipú *montam* seus corpos e de que maneira os *atos tradicionais* são mantidos, transmitidos e transformados naquela cultura.

Também considero importante, para este projeto, os estudos sobre comunicação não-verbal, que levam em conta a gestualidade, a expressão corporal e a percepção sensorial no contato com o mundo. Saliento o estudo de Bateson (1981) sobre a comunicação não verbal como padrão do relacionamento entre self e ambiente. Gostaria, ainda, de situar o trabalho de Darwin (1984) como um dos paradigmas formadores da Antropologia Corporal

Por fim, destaco os ensaios sobre Antropologia do Corpo editados por John Blacking em 1977 - marco desta nova vertente. Blacking localiza o corpo humano como ponte entre a natureza e a cultura, levando em conta que 1) a sociedade não é apenas fruto da razão humana, mas de outras formas vitais evolutivas que incluem os fenômenos biológicos; 2) que as formas não-verbais de interação humana são fundamentais à sociedade; 3) que a mente e o corpo formam um complexo indissociável. Buscarei investigar este complexo corpo/mente, na sociedade Matipú, como uma unidade expressiva de formas sensíveis, notadamente através da dança.

3.4. A dança como coisa ritual

A Antropologia Simbólica e os estudos de Performance

O estudo da dança dentro do sistema cerimonial xinguano é o aspecto central deste projeto e pretendo abordá-lo à luz dos estudos de *performance*. Note-se que o conceito de performance na antropologia surgiu da análise da dinâmica do rito nas sociedades tribais. E que foi a Antropologia Simbólica quem trouxe à cena esta abordagem a partir de um novo conceito de cultura - do qual participam os estudos de Turner, Douglas, Geertz, Langer: *"O homem simbólico é um ator, cuja ação não é motivada só pela razão, mas também pelas experiências passadas, pelos desejos, pelas necessidades de expressar e criar, e pela vontade"* (1971:55)

As considerações de Turner (1974) sobre o ritual, onde leva em conta não apenas a experiência social, mas também a corpóreo-sensorial - são relevantes para este projeto, como também a segunda fase de seu trabalho, quando passa a analisar a vida social como um palco de teatro e a perceber o rito como espaço de liminaridade capaz de criar uma *experiência transformadora* na vida das pessoas. Interessa-me de sua abordagem a consideração da experiência do corpo como receptora e transformadora dos significados rituais e sua atenção aos sistemas de classificação que levam em conta a analogia corporal para simbolizar esferas sociais e cosmológicas.[18]

---

[17] Segundo Mauss (1974:215) *"a criança, como o adulto, imita atos que obtiveram êxito e que ela viu serem bem sucedidos nas pessoas em quem confia e que tem autoridade sobre ela.*

Acervo ISA

Para Douglas (1976,1982) a experiência do rito é determinada socialmente. Ela parte de categorias que considera universais, mas que só podem ser interpretadas dentro de um contexto cultural específico, como a noção de higiene. Por isto propõe que se tome o corpo como um símbolo natural, universal, mas determinado culturalmente. Indicando um caminho pelo qual a sociedade e o Cosmos podem ser vistos por intermédio do corpo

Cito também Bauman (1977) em seu estudo sobre a arte verbal, onde explora a dinâmica da expressão poética do evento: na linguagem, no uso da voz e do corpo, na análise dos participantes e nos outros mecanismos que acompanham a experiência e sua preparação. Cito, ainda, Langdon (1985) que considera central nos momentos de performance a experiência afetiva, emotiva e estética. Além de destacar, na performance, seu aspecto tradicional, auto-reflexivo e emergente de novas realidades.[19]

Para finalizar, destaco a abordagem performática de Basso(1985) para a arte verbal Kalapalo (do Alto Xingu). Aqui ela fala da significação da vida ordinária pela arte feita em situação de performance, considerando a construção de significados sociais e culturais através desta. E sugere a performance como classificação da realidade, destacando sua habilidade para ilusionar e iluminar aspectos dessa mesma realidade.

É interessante notar que Basso, assim como o fez Bastos, também estabelece uma relação entre mito e ritual, no seu caso entre o mito verbal e o rito musical Kalapalo. Aborda, então, a música daquela sociedade, como um evento performatizado, onde os elos estruturais e semânticos da cosmologia e cosmogonia aparecem. E eu pergunto se o mesmo não pode acontecer entre o mito e a dança ritual Matipú. Aliás, Basso comenta os rituais de crise de vida onde os símbolos sonoros e as técnicas corporais servem como orientadores da identidade pessoal - justificando e explicando a eficácia do processo performático. Interessa-me de seu trabalho justamente este tipo de abordagem capaz de conectar o mito ao rito reconhecendo neles a possibilidade de construirem visões complementares da realidade compreensível.

Inspirada nessas abordagens, este projeto enfocará a dança Matipú na situação da performance ritual xinguana. Para isto, buscarei responder a questões como: por que a dança acontece daquela forma, por que são homens e não mulheres que dançam (ou vice-versa), por que são esses animais representados e não outros, qual o "espírito" de determinada dança, sua relação com a cosmologia/cosmogonia do grupo, com sua vida diária e sua organização social, a relação que a dança estabelece com o meio natural, com os "espíritos", com as estações do ano, e sua relação com as outras artes . Também ficarei atenta às relações de poder que puderem ser compreendidas através da análise das danças e da localização e comportamento dos dançarinos em relação ao esquema sócio-espacial da aldeia. Por fim, será abordado o sentimento dos dançarinos e da assistência: suas preferências estéticas, a expressão de suas emoções, bem como suas reflexões sobre a dança . Onde será valorizada a *experiência afetiva, emotiva* e *estética* [20] advinda dos gestos, movimentos e comportamentos da performance ritual .

---

[19] Lembro que a dialética entre tradição e inovação é também considerada nos estudos de antropologia estética de Lux Vidal e Aracy Lopes Silva (1992)

[20] Tal qual já citado em Langdon (1985)

Acervo ISA

4. Justificativa

O presente projeto se justifica pela ausência de etnografias específicas sobre dança nas terras baixas sul-americanas e xinguanas em particular. Compreendendo um campo de estudo inserido na categoria de arte e corporalidade indígena - tão enfatizados nos últimos 20 anos. Além de que a dança é apresentada como uma arte corporal altamente expressiva na manifestação ritual dos grupos xinguanos, e portanto, essencial à compreensão deste sistema como um todo, e particularmente de seu sistema cerimonial

Acervo ISA

5. Objetivos

5.1 Objetivo Geral

Descrever, analisar e interpretar a dança Matipú exploratoriamente, buscando trazer à tona o pensamento nativo sobre a dança e os princípios estéticos que a regem no grupo estudado. Procedendo a uma observação da dança, prioritariamente, na situação ritual[21] E a partir daí, fornecer dados preliminares para elucidar o papel que a dança desempenha no sistema cerimonial xinguano.

5.2 Objetivos específicos

- Descrever as formas coreográficas básicas, buscando os movimentos e gestos repetitíveis e irredutíveis da dança Matipú, bem como suas variantes[22]

- Recolher as exegeses nativas sobre o significado das danças, buscando suas origens tradicionais e míticas, e suas variações.[23]

- Interpretar a situação da *performance ritual* onde a dança acontece, desde sua preparação, a ação dos dançarinos, a reação da platéia, e a posição da dança no esquema sócio-espacial da aldeia.

- Buscar elementos na dança, capazes de serem traduzidos em música, representação visual, e arte verbal[24]

- Verificar se existem semelhanças ou características que unam a arte/dança do grupo Matipú com a do grupo Waurá e Kamayurá.[25]

---

[21] Dentro de um ritual específico ou não - dependendodo que se apresentar na situação de campo.

[22] Isto será feito através do vídeo e de notação coreográfica específica - Labonotation - (v. metodologia)

[23] Isto será feito através de questionários específicos mediados por intérpretes bilíngues (v.metodologia)

[24] A fim de fornecer dados para a verificação da hipótese de Bastos (1996) da possibilidade de tradução de uma arte na outra dentro da cadeia intersemiótica do ritual xinguano.

Sobre a tradução de representações visuais em música também tratou Luna em *Ayahuasca Visions* (1991) onde fala que muitos elementos da pintura visionária, são expressões visuais da música

[25] Isto só poderá ser feito em termos de características gerais pois resultará do cruzamento de informações com os estudos de Bastos sobre a música Kamayurá; e do resultado dos projetos aos quais este se encontra interligado , respectivamente, de Barcelos (1996) sobre as artes gráficas dos índios Waurá," e o de Mello (idem) - sobre a música do mesmo grupo.

Acervo ISA

6 Antropologia Visual e outros Métodos e Técnicas

Na sua introdução para *Principles of Visual Anthropology* (Hockings, 1975) Margaret Mead - uma das precursoras da Antropologia Visual - lamentava a negligência do uso do filme na pesquisa antropológica. Concordando com a indignação de Mead e seguindo o objetivo de descrever e analisar a dança Matipú, considero o uso do vídeo como uma ferramenta imprenscindível para este trabalho. E acrescento a opção de trabalhar com a imagem - do vídeo e secundariamente da fotografia - como um meio nobre de comunicar o conhecimento etnográfico, da mesma forma como o faz a escrita.

Por isto, este projeto será construído a partir do registro de imagens em campo - que, a depender da disponibilidade de equipamentos[26], serão analisadas junto com os nativos, a fim de possibilitar o retorno do olhar, o *feed*-back, *a antropologia interativa ou compartilhada* - como pregava Rouch (apud Galloi e Carelli, 1995: 53)[27]. Pois como observou Galloi e Carelli[28] (1995:51) : "*Nas sociedades sem escrita, os meios de comunicação não verbais - a participação num ritual ou numa sessão de vídeo - são determinantes pela sua capacidade evocativa.*" Acrescento, ainda, que várias experiências já foram feitas com a utilização do vídeo na mediação entre antropólogo e população nativa, com resultados interessantes para as duas partes Cito o exemplo do Projeto Vídeo nas Aldeias e a experiência dos Kayapó apresentada por Turner (1974)[29]

Mas esta é só uma parte do trabalho. Junto com a captação, análise e posterior transcrição das imagens da performance ritual e das coreografias das danças, estará sendo feito um trabalho paralelo, igualmente indispensável, baseado na observação participante e na elaboração de entrevistas não diretivas com informantes bilíngues . As observações serão anotadas cuidadosa e diariamente em diário de campo, e as entrevistas serão, anotadas, gravadas (em K-7) ou filmadas (para utilização na edição do vídeo) - segundo a nossa necessidade e a disponibilidade de nossos informantes.

---

[26] Quanto à disponibilidade de abastecimento de energia e de equipamentos na região, fui informada de que os Matipú contam com energia solar (à confirmar), e observo que algumas aldeias do Alto Xingu dispõe de antenas parabólicas (kamayurá) , aparelho de televisão e, eventualmente, de vídeo.

[27] Gostaria, também, de poder compartilhar com os Matipú imagens de outros grupos indígenas, bem como de estilos de dança da sociedade ocidental.

[28] Dominique Galloi e Vincent Carelli integram o projeto "Vídeo nas Aldeias", criado em 1987 pelo Centro de Trabalho Indigenista(CTI) - com a preocupação de promover o encontro do índio com sua própria imagem, com a imagem de outros povos indígenas; além de registrar cerimoniais e encontros importantes como os de recuperação territorial e reivindicação de direitos.

[29] Turner (1978), mostra como a sociedade Kayapó se apropriou do vídeo como um mediador cultural, documento social e político. Citamos este caso singular como um exemplo de boa aceitação do vídeo numa sociedade indígena. O que não significa pretendermos ensinar os Matipú a manusear a câmera.

Acervo ISA

Outra metodologia importante para este caso é a utilização de um sistema de notação coreográfica , que não substitui nem exclui a utilização do vídeo, sendo-lhe complementar. Aqui optamos por usar o sitema de Laban - senão na utilização integral de todos os seus símbolos, ao menos no que diz respeito aos seus princípios fundamentais, por considerá-los os mais completos na descrição dos movimentos humanos. Na Labonotation (Hutchinson, 1954 apud Royce 1977:45) cada símbolo carrega quatro diferentes tipos de informação: *o valor do tempo, a direção do movimento, a parte do corpo que está realizando o movimento e o nível de execução*[30]

Outro instrumento de trabalho são os questionários ou manuais de campo - utilizados por muitos etnólogos da dança e que podem embasar a formulação do que utilizaremos para este caso específico. Cito o questionário coreográfico criado por Gertrude Kurath em 1952 - como referência obrigatória. E o manual de campo de Kealiinohonoku (apud Royce: 56) - um dos mais completos - que aborda questões como: identificação da história da dança e seu propósito, identificação dos dançarinos, da estrutura da dança, da análise coreográfica, da análise do movimento, das partes do corpo envolvidas. Além de ítens como costumes, condições da dança, acompanhamento musical, e um banco de dados da etnografia da dança.

Concluindo, utilizarei como metodologia e técnica desta pesquisa a antropologia visual - com a utilização do vídeo; a notação coreográfica - com a utilização "aberta" do sistema de Laban; e um guia de campo - com a utilização de questionários formulados a partir dos exemplos acima expostos e das informações disponíveis sobre o caso específico da dança xinguana. Sendo que o resultado deste projeto decorrerá na formulação de <u>um texto científico</u> - dentro dos parâmetros da disciplina - e de <u>um vídeo adicional</u>[31] como registro das danças, repetição áudio-visual de experiências singulares, e expressão estético-científica do conhecimento etnográfico.[32]

---

[30] Royce fala que Laban faz uma descrição "ética" dos movimentos e que muitas danças étnicas requerem símbolos adicionais. Por isto não descarto a possibilidade de utilizar uma notação própria para a situação de campo - que complemente aquela.

[31] Recordo que o sucesso desta última peça, dependerá da aceitação do grupo em relação ao vídeo; da disponibilidade de energia e de equipamentos; e da qualidade técnica das imagens captadas em campo. Observo que durante o curso de jornalismo na UFSC estive envolvida com a produção, direção e edição de quatro vídeos , dois dos quais 'documentários'. Sendo que aquela formação me inspirou e me capacitou parcialmente (porque não incluiu a parte operacional) para propôr este trabalho

[32]. Rocha (1995) fala da linguagem visual nos estudos etnográficos como um entendimento estético da vida social e Heider (1976) alude à possibilidade de combinar o modo científico e estético de trazer ordem à experiência, no filme etnográfico. Mas, se isto pode ser confirmado na experiência de alguns etnógrafos e cineastas, o nosso projeto pretende ser apenas uma semente de tal procedimento, onde o vídeo - como instrumento de pesquisa e apresentação de resultados - possa aludir a esta possibilidade.

Acervo ISA

7. Cronograma

Março de 1998 - Defesa do Projeto

Abril de 1998 - Estudos preliminare da língua Karibe e preparação da viagem de campo

Maio, Junho e Julho - trabalho de campo

Agosto de 1998 a Março de 1999 - análise do material recolhido em campo, redação do texto da dissertação e edição do vídeo

Abril de 1999 - Defesa da tese

Acervo ISA

8. Bibliografia

8. 1. Bibliografia Citada

AGOSTINHO, Pedro.
1974 - *Kwarip. Mito e Ritual no Alto Xingu.* São Paulo, USP/EDUSP.

AMMANN, Raymond
1997 - *Danses et musiques Kanak.* Agence de Developpement de la Culture Kanak

BATESON, BIRDWHISTELL, GOFFMAN,HALL, JACSON,SHEFLEN, SIGMAN, WAYZLAWICK.
1981.- *La Nouvelle Comunication* . Paris. Editions du Séuil

BAUMANN, Richard
1977 - *Verbal Art as Performance* . Rowley. Mass. Newbury House Publishers.

BARCELOS, Neto.
1997 - *De Objetos, Corpos e Ornamentações Gráficas - O discurso da artisticidade entre os índios Waurá do Alto Xingu* - Florianópolis - Projeto de Mestrado - UFSC

BASSO, Ellen Becker
1973 - *The Kalapalo Indians of Central Brazil* . New York . Holt
1985 - *A Musical View of the Universe. Kalapalo myth and ritual performance.* Filadelfia. Univ. of Pennsylvania Press

BLACKING, John
1977 - *The Anthropology of the Body.* London, NY, San Francisco. Academic Press

CARNEIRO DA CUNHA, Manoela & Eduardo Viveiros de Castro (org)
1993 - Introdução *in Amazônia: Etnologia e História Indígena.* ed. dos autores. SP. USP. pp.9-15

COELHO, Vera Penteado
1993 - Motivos Geométricos na Arte Waurá. Vera Penteado Coelho(org.) *in Karl von den Steinen: Um Século de Anropologia no Xingu.* São Paulo. EDUSP pp 591-629

DARWIN, Charles
1984 - *La expresión de las emociones en los animales y en el hombre.* Alianza Editorial. Madrid

Acervo ISA

DOUGLAS, Mary

1976 - *Pureza e Perigo* . SP . Perspectiva

1982 - *Natural Symbols.* New York. Pantheon Books.

FÉNELON COSTA, Maria Heloisa (*)

1987 - *O Sobrenatural, o Humano e o Vegetal na Iconografia Mehináku.* Berta Ribeiro (org), *Suma Etnológica Brasileira.* Petrópolis. Vozes, v.3 .

FLESHMAN, B. (edit.)

1986 - *Theatrical Movement: a Bibliographical Anthology.* Metuchen. (*)

FORBES, F.

1986 - *Dance in Annotated Bibliography* , 1965-1982, New York. (*)

FRANCHETTO.Bruna

1986 - *Falar Kuikúro - Estudo Etnolinguístico de um grupo karíbe do Alto Xingu.* Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação do Museu Nacional, RJ.

GALLOIS, Dominique e Vicent Carelli

1995 - *Vídeo e Diálogo Cultural - Experiência do Projeto Vídeo nas Aldeias* . in *Horizontes Antropológicos - Antropologia Visual.* UFRS.

GALVÃO, Eduardo

1979 - *Cultura e Sistema de Parentesco das Tribos do Alto Xingu, in Indios e Brancos no Brasil: Encontro de Sociedades,* do autor, RJ. Paz e Terra. pp.73-119.

GIURCHESCU, Anca & Bloloand Sunni

1990 - *Romanian Traditional Dance - A Contextual and Structural Approach* . Copenhagen

GREGOR, Thomas

1982 - *Mehináku: O Drama da Vida Diária em uma Aldeia do Alto Xingu.* São Paulo. Nacional

HANNA, Judith Lynne

1979 - *Movements Toward Understanding Humans through the Anthropological Study of Dance.* Current Anthropology XX/2, 313 (*)

1992 - *Dance in Ethnomusicology: an Introduction.* Edit. by H. Myers pp.315-326

Acervo ISA

KAEPPLER, Adrienne

1978 - *Dance in Anthropological Perspective* in. Rev. Antropológica 7 pp.31-49

KURATH, Gertrude

1960 - *Panorama of Dance Ethnology*. Current Anthropology I/3, 233

1970 - *Musica and Dance of the Twena Pueblos*. Museum of New the Mexico Press. Santa Fé

LAGROU, Elsje M. e Menezes Bastos, Rafael José de

1991 - *Uma Etnografia da Cultura Kaxinawá: entre a Cobra e o Inca*. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGAS / UFSC. Florianópolis (*)

1995 - *Compulsão Visual. Desenhos e Imagens nas culturas da Amazônia Ocidental.* Antropologia em Primeira Mão. n.9 PPGAS/UFSC.

LANGDON, Esther Jean

1995 - *Performance e Preocupações Pós-Modernas em Antropologia,*. in Antropologia em Primeira Mão. PPGAS/UFSC.

LANGER, Suzanne

1953 - *Feeling and Art: a Theory of Art.* Londres: Routledge & Kagan Paul

1971 - *A Transformação Simbólica.* *in Filosofia em Nova Chave*. Perspectiva. São Paulo

LÉVI- STRAUSS, Claude

1996 (1955) - *Tristes Trópicos*.. Compahia das Letras

LUNA, Luis Eduardo

1991 - *Ayahuasca Visions: The Religious Iconography of a Peruvian Shaman.* Berkeley . North Atlantic Books

MAUSS, Marcel

1977 - *As Técnicas Corporais* in Sociologia e Antropologia vol 2 pp.210-233. EDUSP

.MELLO, Maria Ignez C.

1997- *Música Waurá - Contribuição ao estudo intersemiótico do cerimonial xinguano* . Projeto de Mestrado - PPGAS/UFSC

MENEZES BASTOS, Rafael José de

1978 - *A Musicológica Kamayurá: Para uma Antropologia da Comunicação no Alto Xingu,*. Brasília. FUNAI

Acervo ISA

1990 - *A Festa da Jaguatirica: uma partitura crítico-interpretativa.* Tese de Doutorado. São Paulo USP, cap. 3-4

MENEZES BASTOS, Rafael J. e LAGROU, Elsje M.
1996 - *Música nas Terras Baixas da América do Sul: Ensaio a partir da Escuta de um Disco de Música Xicrin.* Anuário Antropológico. RJ. Tempo Brasileiro pp. 251-263.

MENGET, Patrick -
1993 - *Les Frontiére de la chefferie: Remarques sur le systéme politique de Haut Xingu in La Remontée de L 'Amazone: Anthropologie et Histoire des Societés Amazoniennes L'Homme 126-128* pp.59-76 ,

PICCHI, Debra
1978 - *Economia Exchange Among the Nafhuqua Indians of Central Brasil* - University of Florida

RIBEIRO, Berta
1993 - *Os Padrões Ornamentais do Trançado e a Arte Decorativa dos Indios do Alto Xingu.* Vera Penteado Coelho(org) *Karl von den Steinen: Um Século de Antropologia no Xingu.* São Paulo. EDUSP pp103-112"

RICARDO, Carlos Alberto (editor)
1995 - *Povos Indígenas no Brasil 1991/1995* . SP . Instituto Sócio-Ambiental

ROCHA, Ana Luiza Carvalho
1995 - *Antropologia das Formas Sensíveis: entre o visível eo invisível a floração dos símbolos in Horizonte Antropológico* UFRS pp.85-99

ROYCE, Anya Peterson
1977 - *The Anthropology of Dance.* Indiana University Press - Bloomington and London

SEEGER, Anthony
1987 - *Why Suyá Sing: a musical anthropology of an Amazonian People* - Cambridge University Press

SEEGER, Anthony; da MATTA, Roberto & VVIVEIROS DE CASTRO, Eduardo
1987 - *A Construção da Pessoa nas Sociedades indígenas Brasileiras, in Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil,* (org.) João Pacheco de Oliveira Filho, pp.11-29 Ed. Marco Zero.

Acervo ISA

SPENCER, Paul

1985 - *Anthropology and the study of dance in Society and the Dance.* pp.206-215. Cambridge University Press

TURNER, Victor

1974 - *O Processo Ritual.* Ed.Vozes Petrópolis

1987- *Anthropology of Performance.* New York , PAJ Publications

TURNER, Terence

1994 - *A apropriação Kaiapó do vídeo.* Revista de Antropologia vol 36. São Paulo. USP

VIDAL, Lux

1992 - *Introdução in Grafismo Indígena. Estudos de Antropologia Estética.* (org.) Lux Vidal. pp. 13-17. São Paulo. EDUSP/FAPESP/Studio Nobel

1992 - & LOPES DA SILVA, Aracy. *Antropologia estética:enfoques teóricos e contribuições metodológicas. in Grafismo Indígena. Estudos de Antropologia Estética* (org.) Lux Vidal pp. 143-189. idem

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo

1977 - *Indivíduo e Sociedade no Alto Xingu: os Yawalapiti.* Dissertação de Mestrado. RJ. Museu Nacional. UFRJ. (*)

1986 - *Araweté - Os Deuses Canibais, RJ:Zaar Editor*

1987 - *A Fabricação do Corpo na Sociedade Xinguana* - Boletim do Museu Nacional, RJ, n.26

8.2 Bibliografia Complementar

ALBUQUERQUE, Cleide

1994 - *Antropologia e Arte* - Univ&Des. Florianópolis. 2(3):29-47

CARNEIRO DA CUNHA, Manoela

1992 - *História dos Indios no Brasil.* Comp. das Letras

CARVALHO, José , Pedro de Lima e Eduardo Galvão

1949 - *Observações Zoológicas e Antropológicas na Região dos Formadores do Xingu.* Museu Nacional Imprensa Nacional. RJ

Acervo ISA

COLLIER, John

1973 - *O Filme para pesquisa antropológica (capX) in Antropologia Visual. A Fotografia como Modelo de Pesquisa.*

EHRENREICH, Paul

1929 - *A Segunda Expedição Alemã ao Rio Xingu,* RMP, XVI (*)

GEERTZ, Clifford

1978 - *A Interpretação das Culturas.* Zahar

1994 - *El arte como sistema cultural, in Conocimiento Local. Ensayos sobre la Interpretacion de las Culturas.* Barcelona

HEIDER, Karl G.

1976 (1935) - *Ethnographic Film.* University of Texas Press. Austin & London.

HOLM, Bill

1977 - *Traditional and Contemporary Kwakiutl Winter Dance in Artic Anthropology* XVI - 1

LABAN, R.

1978 - *O Domínio do Movimento.* Summus, SP

LÉVI- STRAUSS, Claude

1976 - *A eficácia Simbólica in Antropologia Estrutural RJ. Tempo Brasileiro*

1989 - *Mito e Significado* - Rio Edições 70(Brasil) Ltada

LONSDALE, Steven

1982 - *Animals and the Origins of Dance* . Library of Congress C. Card . New York

MENEZES BASTOS, RAFAEL José de

1995 - *Indagação sobre os Kamayurá , o Alto Xingu e Outros Nomes e Coisas: Uma Etnologia da Sociedade Xinguara.* Anuário Antropológico RJ. Tempo Brasileiro pp. 227- 269

MULLER. Regina

1991 - *Rituais Religiosos e performance estética . Uma leitura antropológica do espetáculo 'Bailarinas de Terreiro'* UNICAMP

- *O Corpo em Movimento: Mortos e Deuses na Dança de São Gonçalo* . DACO. UNICAMP

Acervo ISA

RIBEIRO, Berta

1979 - *Diário do Xingu*. RJ. Paz e Terra

SCHMIDT, Max

1942 - *Ornamentações usadas durante as dansas: Texto de canções da região das cabeceiras xinguenses* - *cap XVI- in Estudos de Etnologia Brasileira*. Cia. Ed. Nacional

STEINEN, Karl von den

1940 (1894) - *Entre os Aborígenes do Brasil Central*. São Paulo. Departamento de Cultura (*)

TURNER, V.& Edward Bruner (ed)

1986 - *The Anthropology of Experience*. Urbana and Chicago, University of Illinois Press

VILLAS- BOAS, Orlando e Cláudio

1970: *Xingu: Os Indios e seus Mitos*. RJ. Zahar

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo

1996 - *Images of Nature and Society in Amazonian Ethnology*. Rev. Anthropology 25: 179-200.

WOSIEN, Maria-Gabrielle

1974 - *Sacred Dance - Encounter with the Gods* - New York - Avon Books .

PS. Os títulos com (*) ainda não foram lidos.